

O OLHAR SOCIAL SOBRE O ENVELHECIMENTO: CONTANDO HISTÓRIAS, DESVENDANDO MITOS, TRABALHANDO A MEMÓRIA.

Ana Cecília Fadú Sáber e Silva, Maria Candida Soares Del-Masso. - Fisioterapia e Terapia Ocupacional - Terapia Ocupacional - Departamento de Educação Especial - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília.

De acordo com Beauvoir (1990), o processo de envelhecimento não se caracteriza somente pelo senso comum de declínio fisiológico, mas também por consequência desse, o isolamento social, as mudanças de personalidade, dos aspectos psico-emocionais nos idosos, entre outros. A função social designada para a velhice é nula, ou na melhor das hipóteses, pouco expressiva, devido ao afastamento do idoso dos meios de produção, sendo, com muita frequência, sujeito de uma série de preconceitos negativos. Acrescido a isso, a questão do envelhecimento também é uma questão política e depende de um valor atribuído pelo grupo social, pois em nações que possuem um valor econômico forte e poucas tradições culturais, os que não estão aptos à produção, não são funcionais, são desprestigiados socialmente.

Isso exige modificações na organização social, tanto em nível econômico quanto na distribuição das funções sociais. Nesse sentido, é necessário que se crie um espaço para a existência socialmente produtiva dos idosos acreditando ser possível a sua participação e contribuição para a sociedade. (BEAUVOIR, 1990)

Para a abertura de um espaço que reconheça a existência da terceira idade socialmente produtiva, conforme citado por Dal Fabro (2005) *apud* Teixeira Coelho, se faz importante colocar a arte a serviço da educação e da formação do público. A arte ligada à educação propicia uma melhor formação intelectual e social das pessoas. A literatura é um veículo de informação que pode propiciar a formação, e por sua vez, a “hora do conto” ou o contar histórias estabelece, em geral, o envolvimento com histórias tiradas da literatura e as primeiras noções estéticas, éticas e culturais.

Contar histórias tem o importante papel de enfatizar mensagens, a história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa e educa. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis ajudando a resolver conflitos, acenando com a esperança.

“A história faz todos sorrirem [...] e gente grande volta a ser criança”, “[...] agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida.”. A história funciona então em qualquer fase ou idade da vida como agente desencadeador da criatividade, inspirando cada pessoa a manifestar-se expressivamente, de acordo com sua preferência. (SILVA, 1999)

Assim, a história ativa a criatividade além de estimular o resgate de lembranças e o uso da memória. Propor a oficina de contadores de história da UNATI é uma alternativa para o exercício da memória em idosos mostrando-se um método adequado para atingir a manutenção do sistema cognitivo desta população bem como ser promotora do envelhecimento ativo.

A World Health Organization (2005) em sua nova política de promoção a saúde na terceira idade vem defendendo amplamente o envelhecimento ativo e bem sucedido. A palavra “ativo” refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho”. Portanto, o indivíduo que continua ativo mesmo durante o processo de envelhecimento, se preocupando com questões sociais e defendendo seus direitos e deveres tornam-se menos propensos à declínios nos sistemas de memória.

Segundo Carmelli e Forlenza (2000), a terceira idade é uma população propensa a apresentar queixas na área da memória, principalmente por estarem tão sujeitos a doenças neurológicas que possam prejudicar esta função. O envelhecimento pode levar a alterações em diferentes áreas da cognição, sendo a memória um dos domínios onde isto é mais evidente.

Conforme Pereira (2004), as alterações de memória que ocorrem com frequência nos idosos passam a ser preocupantes na medida em que interferem no desempenho das atividades do dia-a-dia. Quando a memória do idoso compromete suas atividades cotidianas, compromete também sua independência e isso acarreta vários problemas de isolamento familiar e social.

No ato de contar e recontar histórias os jovens têm uma tendência a se ater ao conteúdo da proposição, enquanto os idosos extraem e expressam apenas o sentido que lhes é mais relevante, tecem

comentários, interpretações e inferências, ou seja, utilizam-se da criatividade no ato de contar e recontar acontecimentos. (CAPUANO; NESPOULOS; PARENTE, 1999)

O estudo e a prática de contação de histórias oferece aos idosos participantes das oficinas uma forma de exercitar a memória, resgatar lembranças boas de sua vida e reviver experiências de forma lúdica e agradável. Fornece ao idoso subsídios para que este entenda os processos envolvidos na memória, os aspectos que influenciam positivamente e negativamente, favorecendo seu autoconhecimento, possibilitando melhoras no seu desempenho e mantendo funções ou retardando o aparecimento de disfunções esperadas. (PEREIRA, 2004)

Assim, esta pesquisa teve como objetivo central a identificação, durante a prática e estudo da contação de histórias, do olhar da sociedade sobre o envelhecimento humano. Como este processo é entendido pelas novas gerações, suas dúvidas e afirmações, para se necessário corrigirmos as visões negativas que venham a surgir sobre a terceira idade no decorrer dos relatos. Também questionamos aos idosos se eles acreditam ser a contação de histórias e o contato com a infância uma forma de contribuição para o surgimento de novas dimensões e opiniões sobre esta fase da vida.

Com o desenvolvimento da pesquisa foi possível estabelecer objetivos secundários os quais permitiram as fundamentações teóricas nas quais se estrutura o estudo. Portanto buscamos também a análise da relação entre o ato de contar histórias pelos idosos e o exercitar a memória e a criatividade, seja por meio do resgate de lembranças ou pela atividade de criação. Demonstraremos em relação à memória que o envelhecimento ativo e participativo socialmente permite aos idosos maior integridade e manutenção desta função.

Enfim, promovermos com as atividades estabelecidas as relações intergeracionais através do contar histórias para as diversas populações e interpessoais por meio do trabalho em equipe, da troca de experiências e das discussões em grupo.

Foram convidados a participar da oficina de contadores de histórias todos os alunos regularmente matriculados na Universidade Aberta à Terceira Idade - UNATI, UNESP, núcleo de Marília, no ano de 2006, sendo oferecidas vinte vagas para a participação nas atividades da oficina de contadores de história.

Desde a implantação desta pesquisa o número de participantes vem oscilando sendo composta atualmente por 7 (sete) membros ativos e participativos.

No grupo, 71,4 % dos membros tem nível educacional superior. A predominância dos participantes do grupo é do gênero feminino, sendo uma das alunas deficiente visual com cegueira total. Já no gênero masculino temos 2 (dois) participantes. A média de idade dos membros do grupo encontra-se em torno dos 64 anos de idade.

Para a realização da pesquisa foi necessária uma revisão de literatura sobre o tema contadores de histórias e sua importante influência no exercitar a memória e a criatividade. Também foram consultadas nas obras os assuntos pertinentes à memória, a memória e envelhecimento humano e a influencia do envelhecimento ativos para a manutenção do sistema cognitivo da população idosa. Em seguida analisamos quais são os papéis desenvolvidos pelos idosos na nossa sociedade atual, como é tratado o envelhecimento humano, seus rótulos e estigmas, e como a sociedade pode contribuir para que esta população seja menos excluída e menos negativada dos papéis sociais.

Juntamente às revisões bibliográficas foram oferecidos encontros semanais com os alunos matriculados na oficina para a realização das reuniões do grupo de contadores de histórias. As reuniões tinham como foco o planejamento das próprias aulas, o estabelecimento de cronograma de trabalho das oficinas de contação de histórias, a execução de atividades e discussões teóricas.

As atividades práticas de contação de histórias não foram possíveis de serem catalogadas até o presente momento devido ao cronograma de execução do trabalho.

A linha metodológica que iremos fazer uso na pesquisa será a qualitativa, que observa, descreve e intervêm nos acontecimentos através de atividades planejadas, porém não imutáveis, com o intuito de alcançar os objetivos determinados pelo estudo. Para a metodologia daremos seguimento à pesquisa-ação, denominada por Thiollent (2003), possibilitando a interação entre pesquisador e membros da situação investigada, unindo teoria e prática.

Para a coleta de dados deste estudo utilizamos anotações descritivas dos encontros com os idosos na oficina de contadores de histórias. Nestas anotações registramos as atividades realizadas, os diálogos estabelecidos e os relatos dos agentes envolvidos.

Fotografias também foram necessárias nos encontros para a documentação das atividades, bem como a gravação das reuniões realizadas semanalmente com o grupo. As reuniões foram semi-estruturadas, guiadas por um roteiro, com perguntas pré-definidas usadas como ponto de partida para posterior transcrição e análise dos dados.

A oficina de contadores de histórias da UNATI, UNESP, Marília, auxilia os idosos a se reencontrarem, redescobrimo seu potencial e se percebendo como seres humanos que podem e devem se valorizar como cidadãos ativos, recuperando assim a auto-estima, resgatando a auto-imagem e mostrando aos familiares e sociedade a capacidade de pensar e agir autonomamente e a lutar pela conquista de seu espaço social.

Ao longo da pesquisa e com os relatos dos participantes percebemos que os idosos sentem-se recriminados pela sociedade, principalmente pelas novas gerações, e buscam na contação de histórias uma forma de desmitificar o envelhecimento humano conquistando o respeito frente à essa sociedade. Antes de tudo, eles querem provar para si mesmos, para seus familiares e comunidade que o idoso é capaz de se envolver em projetos, de idealizá-los e concretizá-los sem que haja o medo de que não sejam cumpridos devido à proximidade da morte. Sempre haverá tempo para o aprendizado e para o ensinamento.

Eles mostram participando das atividades da UNATI e conseqüentemente das oficinas, que o envelhecimento ativo e participativo auxilia na longevidade na medida em que exercita o corpo, a mente e as emoções. Acreditam que quanto maior o número de atividades, menores são as chances de serem dependentes e de não cumprirem corretamente com seus papéis sociais.

Pudemos constatar que a oficina de contadores de histórias não requer apenas boa oralização e eloquência para se contar a história, mas principalmente hábitos literários de leitura e interpretação de textos, vocabulário extenso e conhecimento gramatical. Para ser um bom contador antes de tudo temos de ser bons leitores e ouvintes e é o que nos permite a ampliação do senso crítico e do poder imaginativo.

Contar histórias, portanto, não é o simples fato de narrar, mas um mecanismo mais complexo de atitudes que permite aos idosos que a executam o desenvolvimento de todas as suas funções cognitivas, biológicas, emocionais e sociais, auxiliando para um envelhecer saudável e bem sucedido em todos os âmbitos.

A oficina de contadores de histórias não mostrou ser apenas um espaço de exercício das habilidades cognitivas e de desmitificação do envelhecimento humano como havíamos previsto no projeto, mas também, um local de resgate da identidade cultural e social, de sociabilização e estreitamento das relações pessoais e da promoção do envelhecimento ativo e bem sucedido.

Referências Bibliográficas

CAPUANO, A.; NESPOULOUS, J. L.; PARENTE, M. A. M. P., *Ativação dos modelos mentais no recontar histórias por idosos*. Revista Psicologia, Reflexão e Crítica. V. 12. n. 1. Porto Alegre. 1999.

CARAMELLI, P.; FORLENZA, O. V., *Neuropsiquiatria geriátrica*. São Paulo: Atheneu. 2000.

DAL FABBRO, J. M. S., *A “hora do conto” em biblioteca escolar: um recurso de incentivo à leitura no SESI de Marília-SP*. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP. Marília. 2005.

DE BEAUVOIR, S., *A velhice: velhice analisada biológica e culturalmente, pensada e vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

PEREIRA, R. A. B., *Oficina de memória: contribuição da terapia ocupacional na unidade de atenção ao idoso ouvidor Pardinho-UAIOP*. São Paulo: Plural, Revista COFFITO. N.22. Agosto de 2004.

SILVA, M. B. C., *Contar histórias uma arte sem idade*. 10ªed. São Paulo: Ática. Série educação. 1999.

THIOLLENT, Michel; *Metodologia da pesquisa-ação*. 12.ed.São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção temas básicos de pesquisa ação).

WORLD HEALTH ORGANIZATION, *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução GONTIJO, S.; Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

Bolsa : CNPq/ PIBIC